

Capítulo 8

Reflexão Final: Termos Territoriais Coletivos como Base Estruturante para Comunidades Vibrantes



*Theresa Williamson
22 de julho de 2022*

Nota do editor: O painel de discussão que inicia este livro [Comunidade Importa: Conversas com Praticantes Reflexivos sobre o Valor e Variedade de Engajamento dos Moradores em Termos Territoriais Coletivos] foi moderado por Theresa Williamson. Termina com uma reflexão da mesma praticante, a quem foi solicitado identificar os fios comuns de aspiração e ação que permeiam os capítulos anteriores, a partir das lentes de sua própria experiência apoiando o engajamento dos moradores de favelas no Rio de Janeiro. Acesse ao livro completo em inglês pelo link: <https://bit.ly/ComunidadeImporta>.

Muito do que valorizamos e hoje consideramos básico nas nossas cidades é fruto dos esforços daqueles que vieram antes de nós: agindo, reivindicando ou se organizando para que seja dessa forma. Alguns até perderam a vida para tornarem mudanças uma realidade ou para inspirar tais transformações. Olhe ao seu redor e pense nas qualidades do bairro onde você mora hoje, qualidades que você mais aprecia. Provavelmente alguém se sacrificou por elas, ou um *grupo* de pessoas lutou por elas. Pessoas com um propósito comum ou que compartilharam de uma área geográfica—formando assim uma *comunidade*—que se sentiam realizados não por serem lembradas, mas por fazerem parte do processo que faz a mudança acontecer, um legado pelo qual haviam esperança que seria deixado para outros, mesmo que eles próprios não vivessem para o ver materializar.

Ao longo do livro *Community Matters* [trocadilho no inglês para "Assuntos de Comunidade" e "Comunidade Importa"], o papel crítico dos mobilizadores comunitários e a importância do coletivo—o "C" em TTC—são destacados por cada praticante, mesmo diante dos diferentes cenários, necessidades, oportunidades, contextos e culturas que cada Termo Territorial Coletivo está endereçando. Cada praticante descreve uma realidade local, lembrando-nos que, assim como a comunidade, o contexto também importa! No entanto, podemos enxergar

vários elementos em comum, especialmente em torno do papel da comunidade e da mobilização.

O papel multigeracional e contínuo da mobilização foi enfatizado ao longo do livro, assim como foram os TTCs como uma estrutura potente e eficaz que estimula essa evolução permanente. Embora sejam vistos como uma solução para garantir moradias acessíveis economicamente, os autores do livro deixam claro que os TTCs envolvem muito mais do que construir casas. Como explica Dave Smith [TTC de Londres]: "Isso é o que outros incorporadores fazem: eles vêm e constroem um prédio e depois vão embora porque se terminou. Mas nós...nós dedicamos a construir moradias e *comunidades continuamente vibrantes*".

Atendendo a gama de necessidades humanas

Os melhores Termos Territoriais Coletivos procuram, portanto, tornar-se motores de fortalecimento comunitário, trabalhando para satisfazer toda a gama de necessidades humanas na escala em que as pessoas cresçam e prosperem. Isso começa com um *abrigo*, sim. Mas hoje sabemos que a moradia é uma pré-condição que garante a *segurança* necessária para que os indivíduos tenham acesso a muitos outros direitos e oportunidades. A partir de uma sensação de segurança e proteção, as pessoas são capazes de se entregar emocionalmente e conectar-se umas às outras, movimento através do qual as necessidades de *pertencimento* e *conexão* são atendidas. Por sua vez, ao trabalharem juntos, os moradores podem se concentrar em atender outras necessidades, desde demandas básicas como *alimentação*, como mostram as hortas comunitárias do TTC de Dudley Street, em Boston, até a *autorrealização*, como a Academia de Lideranças que o TTC Caño Martín Peña promove em San Juan, Porto Rico. Os TTCs também fornecem uma base segura para obter *segurança financeira* e *sustentar famílias*, como descreve Tony Hernandez. E na qual os imigrantes podem encontrar um novo sentimento de pertencimento, como está acontecendo em Bruxelas.

No mínimo, os TTCs estão trabalhando para fornecer, como explica Ashley Allen, do TTC de Houston, “um lugar para se ter *estabilidade*, para não ser expulso, para gozar do direito de permanecer onde está, hoje e amanhã”. Mas a estabilidade é a base de muito mais. Mesmo aqueles de nós marcados pelo privilégio somos levados a reconhecer isso à luz da pandemia e das crises climáticas.

No Rio de Janeiro, tenho a honra de fazer parte do Projeto Termo Territorial Coletivo, que recentemente reivindicou os TTCs na legislação municipal. Nos próximos anos, esperamos ter um piloto, inspirado no TTC do Caño em Porto Rico, que será organizado em nossos assentamentos informais. A estabilidade é um dos pilares que nos faz lutar pelos TTCs. Aqui, os TTCs também são uma forma de *preservar valores* que os moradores historicamente construíram nas favelas em que vivem. Os TTCs pretendem criar os meios para que as comunidades existentes permaneçam e preservem o seu já enraizado sentimento de

pertencimento. Assim como foi feito em Dudley Street, como está acontecendo em Houston e como foi enfatizado em San Juan.

Confiança, engajamento e poder

Não é uma tarefa fácil. Como afirma Alejandro Cotté Morales, do TTC de San Juan, nosso sistema capitalista hegemônico “está sempre em busca de formas de...debilitar o coletivo. Portanto, parte do apoio a ser dado por mobilizadores é *abrir constantemente espaços para o pensamento crítico* e a organização comunitária”.

María E. Hernández, também de San Juan, descreve como a lógica muda quando os mobilizadores trabalham para construir um senso partilhado de comunidade: "No Caño, antes...do Termo Territorial Coletivo,...as pessoas diziam que estavam *divididas* pelo canal. Mas agora, estão *unidas* pelo canal. Elas agora têm uma visão, uma visão unificada da sua comunidade."

Como é que o Caño abriu espaços para o pensamento crítico e uniu moradores assim? Houve uma transformação na visão de mundo, da lógica do individualismo para a de comunidade. Se tomarmos a comunidade como ponto de partida, todas as necessidades podem ser atendidas.

Outro tema recorrente nas histórias dos praticantes em *Comunidade Importa* é a natureza crítica do desenvolvimento de *relações de confiança* que, por sua vez, produzem *engajamento* e, por fim, *poder*. Tais relações só podem ser construídas através de um compromisso de longo prazo, que é uma característica dos envolvidos com TTCs.

Alejandro Cotté Morales esclarece que o engajamento primordial a ser nutrido em um TTC é o daqueles que vivem mais próximos, ou são mais impactados, pelas pautas do momento. Ao focarmos, em primeiro lugar, naqueles que estão no centro—os moradores—a confiança é construída. Mas ainda são necessários exercícios de construção de confiança, como indicou Razia Khanom, do TTC de Londres, para que moradores que fazem parte de comunidades marginalizadas ou traumatizadas se envolvam nas atividades de um TTC.

Um aspecto importante da construção de confiança dos TTCs é o seu compromisso em serem representativos e reflexos das comunidades que os compõem. Como Ashley Allen descreve em relação à sua experiência com o TTC de Houston:

É muito diferente para uma pessoa negra contar a história do modelo TTC e dizer de onde ele veio e o significado disso... A presença de lideranças negras tem facilitado muito nossas idas às comunidades. Podemos compreender e nos relacionar com o que está acontecendo atualmente na comunidade e o que as pessoas estão tentando proteger e preservar... Acho que foi muito importante para as pessoas ouvirem uma pessoa negra explicar que [o TTC] não é sobre desistir de nossas terras, mas sobre o tipo de coletividade que é comum na nossa cultura (Capítulo 7).

Outro ingrediente para construir confiança são as relações interpessoais que resultam do engajamento prévio e produzem ação posterior. Ao envolver os moradores, muitas vezes de forma leve, carinhosa e pessoal, como acontece com os churrascos de Dudley Street, quando é preciso agir, os moradores estão prontos. Isso sem que eles mesmos tenham que ser mobilizadores. Tony Hernandez expressa isso bem no Capítulo 3 quando ele diz que "A construção constante de relações...é o que vai gerar confiança; e é isso que, no final das contas, constrói o poder." Ele descreve como estes relacionamentos são formados:

Não quero encontrar Jason [um vizinho] uma vez por mês para uma reunião. Quero sim poder desejar-lhe um Feliz Natal... 'O que tá acontecendo na sua vida? O que há de novo e excitante?' Vamos construir a relação para que não pareça trabalho toda vez que nos encontramos. Sinto que somos uma grande família. Sim, às vezes os negócios da família precisam ser resolvidos. Mas em outras ocasiões, vamos apenas ser uma família. Vamos fazer um churrasco.

Ashley Allen diz que é no engajamento e na governança comunitária que o TTC de Houston investe, "porque os melhores mobilizadores... são moradores satisfeitos". Consequentemente, quando o TTC precisa se mobilizar, "temos um exército à disposição".

Tony Hernandez resume de outra forma; ele diz que com os "três E"—engajamento, educação e empoderamento—"o resto se resolve". Ecoando Ashley, ele diz que se a ação coletiva for necessária novamente mais a frente (em momentos em que apoio governmental oscila, por exemplo), a comunidade poderá retomar a luta.

Todos os praticantes do presente livro deixam claro, no entanto, que a luta não deve ser uma constante no processo de construção e sustentação de um TTC. Todos os casos citaram uma relação com as autoridades públicas, seja pela aprovação de uma lei (Bruxelas e San Juan), para alcançar o respeito de autoridades municipais (Houston), para obter o direito de desapropriação (Boston) ou pela obtenção de recursos municipais (Londres e Houston). A luta é vista como essencial para a conquista dessas vitórias, mas o foco principal deve ser sempre o engajamento e a resiliência dos moradores, que investem no processo virtuoso de construção comunitária que produz uma reserva de poder que pode ser utilizada e aplicada quando necessário.

Camadas de comunidades, da base ao global: um ciclo virtuoso e sustentável

Embora estejam focados em atender às necessidades básicas de moradia em suas localidades, estes praticantes estão todos trabalhando para construir muito mais do que casas e algo muito maior do que apenas um TTC. Os TTCs operam em camadas de comunidade. Existem os moradores, aliados e defensores dentro de um bairro e em toda a cidade—além de seus parceiros. Mas também existem camadas de comunidades e TTCs, inclusive em todo o

mundo. Devido à natureza cooperativa dos TTCs, é criado naturalmente um ecossistema mais amplo de apoio mútuo.

O apoio mútuo começa dentro do TTC, conforme demonstra Tony Hernandez ao resumir sua função básica como mobilizador de um TTC: "Como podemos prover recursos e ajudar [os moradores do TTC] a tirar vantagem de estar neste arranjo? Como educar e capacitar as pessoas para poderem levar isso adiante e ajudar o TTC a crescer?"

Ashley Allen e vários colaboradores falam dos vizinhos logo no entorno de seus TTCs: "Mesmo que você não seja dono de uma casa em um TTC, você ainda tem interesse na comunidade; você ainda se preocupa com moradias acessíveis e em melhorias habitacionais e em não expulsar as pessoas da comunidade."

Além disso, existem as camadas externas da comunidade de cada TTC. Razia Khanom descreveu isso depois de participar de um evento on-line com nosso movimento TTC brasileiro: "Isso também faz parte da minha comunidade agora. É um movimento que todos nós iniciamos. Participar daquela discussão com o Brasil deixou minhas energias renovadas. Isso é o que fazemos em comunidades. Ajudamos uns aos outros. Apoiamos uns aos outros. E também inspiramos uns aos outros."

Aqui no Rio de Janeiro vivemos isso no período pré-olímpico, quando comunidades foram alvo de remoções forçadas e 80 mil pessoas perderam suas casas, até mesmo moradores de favelas com concessões de uso da terra. Foi isso que nos levou a olhar para os TTCs. Eles têm o potencial de ser uma solução mais empoderadora, em oposição a títulos individuais que promovem uma lógica de divisão, atomização e exploração.

Durante esse período, os mobilizadores comunitários da favela que ficou conhecida pela sua luta e resistência, a Vila Autódromo (que hoje está entre os interessados em tornar-se piloto de TTC no Brasil), falavam dos aliados de fora como fundamentais nos seus esforços, ajudando a renovar suas energias e inspiração para manterem a resistência ao que por vezes era sentido como uma pressão esmagadora, já que muitos foram obrigados a viver entre os escombros das casas que sofreram com os despejos forçados.

Só que essa renovação era mútua, seus aliados sentiam o mesmo: as lideranças da Vila Autódromo *nos inspiraram*. A sua determinação e seu mantra de que "nem todos têm um preço" eram contagiantes e deram-nos uma sensação de esperança de que nem tudo estava perdido neste mundo. Foi criado um ciclo virtuoso de empoderamento, inspiração e apoio mútuo. Uma comunidade delimitada por uma área geográfica inspirou uma comunidade de proposta comum determinada a apoiá-la, o que por sua vez reforçou a convicção e o compromisso dos moradores. O resultado: um sistema autossustentável de empoderamento mútuo.

Estas comunidades mais amplas, comunidades de comunidades, que o movimento global de TTCs proporciona, formam um amplo ecossistema da sociedade civil com nichos

colaborativos e interdependentes: este todo também é comunidade! Todas contribuindo para um objetivo coletivo mais amplo de seres humanos realizados e de um planeta saudável e abundante.

Pensando por sete gerações

Os Termos Territoriais Coletivos são complexos. Não é à toa que foram necessárias cinco décadas para que o modelo começasse a obter reconhecimento global, e ainda há um longo caminho pela frente. TTCs altamente efetivos não são fáceis de estabelecer precisamente porque não se trata apenas da construção de estruturas físicas: trata-se de um processo de construção de relações de confiança, tomada de decisões coletivas, educação contínua e tomar o tempo de agregar todos nesta caminhada. E isso se soma ao custo financeiro de obter o acesso à terra, construir moradias e outros espaços comunitários, estabelecer instrumentos legais para dar suporte e, talvez o mais difícil de tudo, provocar a transformação estrutural de uma lógica *individualista* para uma lógica *coletiva* que um TTC exige e inspira.

Com isso, pode ser visto como milagroso que tantos TTCs tenham sido criados. Ao mesmo tempo, agora que sabemos do seu potencial transformador, é fundamental que o modelo ganhe força. Dave Smith reflete:

Não creio que exista um sequer negócio ou sistema onde a autocracia não faça as coisas avançarem mais rapidamente. Mas você tem que se perguntar qual é o valor, no final das contas, que você quer realizar. Provavelmente poderíamos construir nossas casas de maneira mais barata e rápida se não envolvêssemos as pessoas no processo.

Mas e se a equação levar em conta todas as necessidades humanas que podem, em última análise, ser atendidas através da estrutura de um TTC altamente eficaz? A relação custo-benefício muda? Não é mais eficiente do que uma mistura de políticas intermitentes que abordam uma necessidade de cada vez e depois tropeçam e desmoronam uma solução à medida que endereçamos outra necessidade?

E se dermos um passo atrás e olharmos para os TTCs—e para o nosso mundo—através da lente da sustentabilidade? E se aplicarmos o pensamento de sete gerações, uma abordagem de governança que sugere que vivamos e trabalhemos para o benefício das próximas sete gerações?

Nossas mentes animais têm problemas com cálculos de longo prazo. Se nosso objetivo é construir rapidamente muitas casas, então a autocracia é o melhor caminho. Mas se o nosso objetivo é estimular seres humanos auto-realizados que evoluem nas sociedades e num planeta saudável, onde a moradia é apenas uma das tantas necessidades interdependentes que precisam ser atendidas para alcançar esse fim, então uma estrutura mais robusta é necessária.

O que nos traz de volta ao TTC como uma estrutura prática e lindamente desenhada para concretizar esse potencial. Os componentes desta estrutura foram resumidos ou descritos ao longo deste capítulo, mas há também outros mencionados no livro, como o direito à cidade, o desenvolvimento comunitário baseado em ativos (DCBA), a comunicação não violenta (CNV) e o papel produtivo do conflito.

Em última análise, existe uma maneira mais simples, elegante e direta de descrever tudo isso: a visão do Reverendo John Whitfield para uma “Comunidade de Amor” [Capítulo 1].

Infelizmente, o Rev. John faleceu antes da publicação de *Comunidade Importa*. Felizmente, ainda temos a sua reflexão inicial no Capítulo 1 sobre “construindo a comunidade amada”, onde ele deixou clara a direção que esperava que o movimento TTC tomasse:

Falo a vocês nesta manhã que o movimento TTC do século 21 e além deve se esforçar para levar a comunidade amada ao próximo nível e trabalhar para criar e manter “Comunidades de Amor”...que...não apenas representem tijolos e cimento, mas sejam um catalisador que moverão este mundo em direção a um lugar de compreensão de que devemos nos unir por completo no espírito de unidade...onde os indivíduos sabem, sem sombra de dúvida, que o que estão fazendo não é simplesmente uma questão de prover moradia a preços acessíveis para sempre. Estamos criando uma atmosfera de amor.

Que possamos continuar organizando, nos relacionando e engajando, trazendo todos para o coletivo, avançando para concretizar a visão do Reverendo John Whitfield.